

Abordagem psicossocial das massas: o debate entre Serge Moscovici e Pierre Bourdieu e contribuições para a educação

Psychosocial approach of the masses: the debate between Serge Moscovici and Pierre Bourdieu and contributions to education

Approche psychosociale des masses: le débat entre Serge Moscovici et Pierre Bourdieu et contributions à l'éducation

Rita de Cássia Pereira Lima
PPGE/UNESA
ritaplima2008@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3055-4915>

Lúcia Villas Bôas
Universidade Cidade de São Paulo e Fundação Carlos Chagas
lboas@fcc.org.br
<https://orcid.org/0000-0001-5136-2392>

Maria de Fátima Barbosa Abdalla
Universidade Católica de Santos
mfabdalla@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8290-959X>

RESUMO

No Brasil, a problemática das massas tem sido pouco abordada na psicologia social, que tende a priorizar mais o estudo de pequenos grupos ou de organizações. As ações de movimentos sociais, principalmente as de multidões sem uma liderança determinada, têm chamado cada vez mais a atenção, o que coloca o fenômeno das massas e, sobretudo, de sua gestão, em foco. Diante dessa perspectiva, esse artigo tem, como objetivo, apresentar o debate ocorrido entre Serge Moscovici e Pierre Bourdieu na *Maison de la Radio France*, em 1982, a propósito do livro publicado por Moscovici intitulado “*L’âge des foules: un traité historique de psychologie des masses*”, buscando contribuições para a educação. Apresenta a discussão do conceito de “massas” realizada por Moscovici (1981) e, na sequência, problematiza alguns pontos do debate entre os dois autores que podem contribuir para se pensar desafios do atual contexto educacional brasileiro a partir de uma perspectiva psicossocial.

Palavras-chave: Massas. Multidões. Serge Moscovici. Pierre Bourdieu. Educação.

ABSTRACT

In Brazil, the problem of the masses has been little addressed in social psychology, which tends to prioritize more the study of small groups or organizations. The actions of social movements, especially those of multitudes without a determined leadership, have increasingly called attention, which puts the phenomenon of the masses and, above all, of their management in focus. Given this perspective, this article aims to present the debate that took place between Serge Moscovici and Pierre Bourdieu at the Maison de la Radio France, in 1982, regarding the book published by Moscovici entitled "L'âge des foules: un traité historique de Psychologie des Masses seeking contributions to education. It presents the discussion of the concept of "masses" held by Moscovici (1981) and, subsequently, problematizes some points of the debate between the two authors who, believe, can contribute to think challenges of the current Brazilian educational context from a psychosocial perspective.

Keywords: Masses. Crowds. Serge Moscovici. Pierre Bourdieu. Education.

RÉSUMÉ

Au Brésil, la problématique des masses a été peu abordée dans la psychologie sociale, qui tend à privilégier davantage l'étude de petits groupes ou d'organisations. Les actions des mouvements sociaux, surtout celles des foules sans direction déterminée, ont de plus en plus attiré l'attention, ce qui met le phénomène des masses et, surtout, de leur gestion au centre. Dans cette perspective, cet article vise à présenter le débat qui s'est déroulé entre Serge Moscovici et Pierre Bourdieu à la Maison de la Radio France en 1982 à propos du livre publié par Moscovici et intitulé "L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses" cherchant des contributions à l'éducation. Nous présentons la discussion sur le concept de "masses" menée par Moscovici (1981) et, par la suite, nous soulevons certains points du débat entre les deux auteurs qui, nous croyons, peuvent contribuer à penser les défis du contexte éducatif brésilien actuel d'un point de vue psychosocial.

Mots-clé: Masses. Foules. Serge Moscovici. Pierre Bourdieu. Éducation.

Introdução¹

"Existe un misterio de las masas"². (MOSCOVICI, 1993, p. 16)

¹ A escrita desse texto foi possível devido ao legado de nosso colega e amigo Moisés Domingos Sobrinho que, em sua infinita generosidade, enviou-nos a gravação, com a respectiva transcrição do debate ocorrido na *Maison de la Radio France*, em 1982, entre Pierre Bourdieu e Serge Moscovici a propósito do lançamento do livro *L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses* (MOSCOVICI, 1981). O artigo aqui apresentado foi gerado a partir desse material e, portanto, tem, em sua base, o ato de solidariedade dessa pessoa tão querida que nos deixou em 2021, sem tempo, ele mesmo, de escrever sobre o clássico debate entre dois autores que foram contemporâneos, ambos professores na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris (França). A ele, nossa homenagem e nosso reconhecimento.

² "Existe um mistério nas massas" (Tradução nossa).

O presente artigo tem sua origem no debate ocorrido, em 1982, na *Maison de la Radio France*, acerca do recém-lançado, à época, livro de Serge Moscovici intitulado *L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses*³, que teve, como debatedor, Pierre Bourdieu. Não fosse a temática, tão atual quanto, de certa forma, ainda pouco estudada, o encontro entre os dois grandes pensadores do social, por si só, já renderia matéria para diferentes discussões.

Aproximações entre os estudos de Pierre Bourdieu e de Serge Moscovici têm sido propostas por autores como Abdalla (2013, 2019), Abdalla e Villas Bôas (2018), Domingos Sobrinho (2016, 2019), Domingos Sobrinho e Lira (2019), Campos e Lima (2015, 2017, 2018), Lima e Campos (2015a, 2015b) e Jesuíno (2018). Embora busquem defender suas respectivas áreas do conhecimento (Bourdieu, na sociologia, e Moscovici, na psicologia social), muitas vezes em ambientes de luta acadêmica, é possível estabelecer um ponto comum em suas obras: a superação da dicotomia subjetividade/objetividade na relação indivíduo/sociedade (LIMA; CAMPOS, 2015a). Jesuíno (2018, p. 52) faz referência a um consenso construtivista, levando os autores “[...] a dar mais relevo à estrutura estruturante, como será o caso de SM [Serge Moscovici] na esteira de Jean Piaget, e outros, como PB [Pierre Bourdieu], a colocar o acento na estrutura estruturada”.

Jesuíno (2018) destaca a proximidade entre sociologia e psicologia social e situa as ideias de Moscovici e de Bourdieu na dinâmica triangular que compõe as ciências naturais, as ciências sociais e a filosofia. O autor se refere ao triângulo epistêmico de Moscovici, ego-objeto-alter, visto como cerne da psicologia social na medida em que o *alter* pode ser um outro sujeito, um grupo ou uma ideia, estando incluída aí a busca de sentidos. Em relação a Bourdieu, Jesuíno (2018) propõe, como metáfora triangular, a tríade campo-*habitus*-capital, embora ela não tenha sido explicitada por Bourdieu, sendo o *habitus* uma instância simbólica entre campo e capital. Ou seja, tanto Moscovici quanto Bourdieu se interessam pela construção de significados por indivíduos no contexto social. De acordo com Jesuíno (2018), as ciências sociais, como mediadoras, podem equilibrar o triângulo instável formado com a filosofia e com as ciências naturais. Nesse sentido, ainda para ele, a complementaridade entre as obras de Bourdieu e de Moscovici constitui-se em importante contribuição.

³ “A era das multidões: um tratado histórico de psicologia das massas” (Tradução nossa).

Apesar de reconhecermos hoje aproximações e complementaridade entre os dois autores, o debate de 1982 pode ser entendido mais como uma “luta”, um combate, em que cada um procura defender o lugar de seu campo do conhecimento. Centro das discussões, o livro *L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses*, de Moscovici, publicado pela editora Fayard, em 1981, permitiu que os autores expusessem acordos e desacordos – em realidade, mais desacordos –, o que não deixava também de expressar as relações entre a psicologia social e a sociologia à época.

Considerando esse panorama, o objetivo deste artigo é apresentar alguns elementos desse diálogo que, após mais de 40 anos, ainda resta pouco conhecido do público em geral – e do brasileiro em particular –, com a intenção de recuperar a problematização acerca do tema das “massas” e das “multidões” em uma perspectiva psicossocial e de indicar possíveis interfaces com a educação. Para tanto, em um primeiro momento, será apresentada a discussão do conceito de “massas” realizada por Moscovici (1981) para, na sequência, problematizar alguns pontos do debate travado entre ele e Bourdieu, de modo a apontar eixos de discussão que, acreditamos, possam contribuir para pensar os desafios do atual contexto educacional brasileiro.

L'âge des foules de Moscovici: alguns apontamentos

“L'âge où nous entrons sera véritablement l'ère des foules.”⁴ (LE BON, 1895)

Ainda que as multidões não tenham sido uma criação do século XIX, é, sobretudo, no final dele e início do século XX, que diferentes teóricos associados ao campo da sociologia e da psicologia fazem das massas seu objeto de estudo e passam a analisar comunas e greves com o intuito de investigar o comportamento coletivo, mais especificamente o papel da dimensão psíquica sobre o comportamento social em grupo.

De acordo com Silva (2004), é nesse contexto que, na Europa, o fenômeno das multidões começa a ser visto como uma ameaça de ruptura dos equilíbrios sociais, e que o “social” passa a ser objeto de conhecimento em função, principalmente, das contradições inerentes às novas normas da sociedade industrial.

⁴ “A era em que estamos entrando será verdadeiramente a era das multidões.” (Tradução nossa).

Nesse período, havia o entendimento de que o corpo social era formado, de um lado, por uma massa anônima e, de outro, por minorias (líderes) que guiavam os comportamentos coletivos. Não é sem razão, portanto, que um dos objetivos da psicologia na época era, justamente, identificar os mecanismos psicológicos que garantiriam o domínio das minorias sobre a massa, os processos pelos quais o líder era constituído enquanto tal, bem como os modos de produção dessa minoria. São esses, por exemplo, os objetos de estudo de Gustave Le Bon, de Gabriel Tarde e de Sigmund Freud.

Desde esse período, várias foram as apropriações, transformações e imprecisões relacionadas aos conceitos de massa e de multidão, muitas vezes tomados, inclusive, como sinônimos. Conforme indica Jesus (2013, p. 496),

Exemplos são encontrados no francês '*foule*', usado por Gustave Le Bon (1954) em seu estudo seminal sobre comportamento das massas '*Psychologie des Foules*', publicado em 1895; no inglês '*group*', utilizado por McDougall (1920) em '*The Group Mind*'; e no alemão '*masse*', apropriado por Freud (1921/1991) em '*Massenpsychologie und Ich-Analyse*', estudo fundamental para a crítica à cultura de massas e sua relação com a popularização da ideologia fascista, identificadas por Adorno (1951/2006).

Segundo Coblence (2011), o trabalho de Freud, *Massenpsychologie*, foi vertido pela primeira vez para o francês por uma equipe coordenada por Jean Laplanche, que optou por traduzir *masse* (massa) por *foule* (multidão). De acordo com a autora, essa escolha deveu-se ao fato de Freud ter se inspirado na obra *La psychologie des foules*, de Gustave Le Bon, um livro traduzido para o alemão sob o título *Psychologie der Massen*, e do uso feito por Freud da palavra *masse* para descrever as características do que Le Bon nomeou como *foule*.

A autora indica ainda que, em uma tradução realizada pela mesma equipe dez anos depois, a opção feita foi outra e traduziu-se *masse* (em alemão) por *masse* (em francês). Segundo ela, essa virada do termo "multidão" para "massa", na literatura e no vocabulário, pode ser vista como um indicador de que não se trata mais do mesmo fenômeno e nem da mesma apreensão (COBLENCÉ, 2011). Esse aspecto não é despercebido por Moscovici, que dará ao seu livro, publicado em 1981, o sugestivo título: *L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses*.

Para Moscovici (1993), as teses de Le Bon, Tarde e Freud precisavam ser recuperadas para compreender a sociedade da época, dominada por uma minoria de líderes: Mao, Stalin, Hitler, Mussolini, Fidel... Contudo, seu objetivo não é o de expor as

ideias de cada um desses três teóricos, mas desenvolver uma teoria baseada na reconstituição articulada do sistema da psicologia das massas que, em sua visão, teria sido edificada em conjunto por esses três autores. No início do século XX, escreve ele, acreditava-se na vitória dos movimentos de massa e, quase no final desse mesmo século, estamos cativos daqueles que a conduzem: “Uno tras otro, los trastornos sociales que han sacudido a la mayoría de los países del mundo han ido a dar a un régimen que tenía al frente un conductor de hombres prestigioso”⁵ (MOSCOVICI, 1993, p. 9).

Ao expor as razões do nascimento da psicologia das massas, Moscovici (1993) descreve as multidões, os líderes e o método predominante de governá-las, que, segundo ele, teria sido popularizado pela publicidade. Assim, para reconstruir essa história, Moscovici irá se apoiar, fundamentalmente, no trabalho de Le Bon, que, em sua percepção, analisa as massas como um elemento da ordem social, buscando descrevê-las e caracterizá-las, sobretudo pela ideia do “sugestionável”, derivado do processo de sugestão hipnótica, de modo a entender como as massas obedecem às minorias. Para tanto, Moscovici (1993) irá enfatizar a noção de prestígio usada por Le Bon para explicar essa capacidade de dominação.

Na visão predominante do final do século XIX, a *foule* era formada pelas classes populares qualificadas como potencialmente “perigosas”, porque incapazes de julgamento e freios à exposição emocional; o que explicaria, entre outros elementos, a transformação de um indivíduo quando em seu interior. Em seu clássico trabalho sobre a psicologia das massas, Le Bon (1981) defende que os indivíduos, quando reunidos em aglomerações, perdem suas características pessoais e são tomados por “[...] uma espécie de alma coletiva [...] que os faz sentir, pensar e agir de uma forma completamente diferente de como cada um o faria separadamente” (p. 30). Para ele, é a vitória de uma mentalidade coletiva sobre o pensamento individual (GRAUMANN; KRUSE, 1986).

Em conformidade com as ideias da época que preconizavam, como um valor fundamental, o indivíduo livre, consciente e autônomo, Le Bon (1981) defendia que a única maneira de evitar o caos advindo do governo das massas seria submetê-las a um líder que as hipnotizaria e que as dominaria. Diz-se que Roosevelt, Mussolini e Hitler foram leitores de Le Bon, algo que não é confirmado. De qualquer modo, é pelo fato de Le

⁵ “Um após o outro, os distúrbios sociais que abalaram a maioria dos países do mundo culminaram em um regime que tinha à frente um condutor prestigioso de homens” (Tradução nossa).

Bon visar à compreensão das massas para melhor dominá-las que Moscovici (1993) irá escrever que esse autor “[...] se ve en la posición de un Maquiavelo de las sociedades de masas”⁶ (p. 83), ainda que seja um exagero afirmar que as ações desses líderes decorreram diretamente das ideias de Le Bon (THIEC, 1983).

Como observa Thiec (1983), Le Bon é um pensador neo-maquiavélico e elitista, cujas ideias se fundamentariam em uma ideologia liberal conservadora que recusaria a noção de igualdade entre os indivíduos, algo que, segundo ele, já estaria obsoleto no início do século XX. Ao desenvolver esse argumento, Thiec (1983) critica, justamente, Moscovici por tentar mostrar a atualidade e a legitimidade do pensamento de Le Bon no contexto da década de 1970, fazendo de seu estudo um elemento fundamental para a compreensão atual da psicologia das massas.

Já os capítulos dedicados à reconstrução da explicação de Freud sobre os fenômenos das massas, que, segundo Moscovici (1993), representaria a síntese e a culminação do trabalho de seus antecessores, indicam que, em sua ótica, Freud tem um olhar muito mais crítico às ideias de Le Bon. Ao concentrar-se sobre as minorias, Freud substitui a hipótese da sugestão hipnótica pelo princípio da identificação, que apresenta um elemento amoroso (THIEC, 1983), na medida em que se instaura um laço com o líder, “[...] qui recompose ainsi une figure de père”⁷ (p. 122).

Nesse ponto, Moscovici (1981) faz referência à obra *Psicologia de Massas do Fascismo*, de Reich (1988). Considerando-o como um discípulo de Sigmund Freud, Moscovici destaca que Reich irá abordar as raízes da psicologia das massas do fascismo, fundamentando-a na família e na submissão voluntária a um poder totalitário que levaria o homem a renunciar à sua liberdade e ao que se denomina “direitos dos homens”.

Levando em conta os anos de crise na Alemanha, entre 1930 e 1933, Reich (1988) chama a atenção para a contradição de um trabalhador médio e de um indivíduo da classe média divididos, nem revolucionários, nem conservadores, cujas estruturas psíquicas são resultado da situação social, a qual pode levar a atos revolucionários, mas também à submissão a uma sociedade autoritária, emergindo daí a contradição entre sentimento de revolta e objetivos reacionários. Assim, o autor vai expondo as relações entre estrutura econômica e estrutura psicológica dos membros das massas, quando contradições da

⁶ “[...] se vê na posição de um Maquiavel das sociedades de massas” (Tradução nossa).

⁷ “Que assim recompõe uma figura paterna” (Tradução nossa).

economia se enraízam na psicologia das massas oprimidas, pautada na repressão sexual e na submissão ao patriarcado. As ideias irracionais das massas não podem, desse modo, ser explicadas apenas por aspectos socioeconômicos. A compreensão da onda fascista da época precisava, então, considerar essa realidade de contradições (REICH, 1988).

Ainda que indicando uma concepção de “massas” relacionada ao final do século XIX, Moscovici (1981) destaca que Reich irá anunciar questões essenciais sobre líderes, por exemplo: como é possível um Hitler reinar sobre milhões de pessoas? E busca, pela psicologia das massas, compreender Hitler e o movimento nazista. No entanto, para o próprio Moscovici (1981), o autor não leva em consideração que Hitler assimilou essa psicologia para criar seu movimento e se tornar Hitler. Apesar de Reich sustentar aspectos, de certo modo defendidos por Le Bon, Tarde e Freud, Moscovici (1981) critica a ênfase desse autor na constituição psíquica das massas alemãs.

No contexto dessa discussão, Moscovici (1981) ressalta que, embora Freud tenha sugerido uma explicação mais viável para a dominação das massas, o “prestígio”, indicado por Le Bon como um elemento necessário à minoria, continua sem ser elucidado. Nessa tentativa, Moscovici (1993) o aproxima do conceito weberiano de “carisma”, considerando-o, em algumas passagens, como sinônimo de “prestígio”: “Entre las dos nociones [prestígio e carisma], no existe diferencia esencial, como no sea que el carisma tiene un aspecto más profético y el prestigio un aspecto más afectivo que lo coloca en el origen de toda forma de poder”⁸ (p. 369).

Thiec (1983) considera essa uma interpretação equivocada de Moscovici, que usaria a concepção weberiana de forma bastante aligeirada. Por exemplo, para Thiec (1983), enquanto a noção de “prestígio” de Le Bon é vaga, Weber elabora seu conceito de “carisma” com bastante precisão, sendo que a diferença entre essas duas noções repousaria, justamente, na ideia de duração, pois, para Weber, o carisma seria um elemento limitado no tempo, na medida em que tenderia a desaparecer depois que a dominação estivesse assegurada por meio da rotinização, racionalizando-se ou tradicionalizando-se. Ao contrário, portanto, da ideia de prestígio de Le Bon, em que a dominação se mantém no tempo apesar da rotinização.

⁸ “Não há diferença essencial entre as duas noções [prestígio e carisma], exceto que o carisma tem um aspecto mais profético e o prestígio tem um aspecto mais afetivo que o coloca na origem de todas as formas de poder” (Tradução nossa).

Como conclusão, o autor (1983) aponta que a intenção de Moscovici de ressuscitar a psicologia das massas fica duplamente prejudicada: de um lado, porque a sua discussão está muito mais pautada nas minorias, e a questão da liderança é um tema mais preponderante aqui do que o das massas propriamente ditas; e, de outro, porque, no desenvolvimento de suas ideias, ele acaba se tornando um herdeiro direto de Le Bon.

É possível perceber que a obra de Moscovici (1981) sobre a psicologia das massas tem provocado intensas discussões desde sua publicação, o que se manifesta também no emblemático debate com Pierre Bourdieu, na *Maison de la Radio France*, em que Bourdieu expressa críticas à obra, conforme será exposto a seguir.

Debate entre Serge Moscovici e Pierre Bourdieu: alguns elementos

Apresentaremos, neste item, alguns aspectos do debate entre Moscovici e Bourdieu, na *Maison de la Radio France*, que durou cerca de uma hora. Como anuncia Moscovici, logo no início, trata-se de um tema difícil, porque se reporta a valores, a paixões e, sobretudo, a feridas da história recente. Colocaremos o foco em algumas críticas de Bourdieu, respondidas por Moscovici, e privilegiaremos os temas que constituem pontos de reflexão deste artigo: as massas e as crenças.

Um ponto essencial que pode ser destacado no debate, atravessando-o, refere-se à seguinte questão: o que quer dizer uma massa, noção com tantos significados, e o que ela representa? Para Moscovici, investigar o problema “da era das multidões” implica retomar diversos estudos, escritos fragmentados, reconstituir algo com um sistema relativamente coerente, com fundamento em uma ciência, ou quase ciência, que seria a psicologia das massas, a qual tem como pano de fundo a indagação: o que faz um indivíduo diante das massas? Ao se referir ao seu livro, Moscovici aborda o problema das massas por três vertentes: sua definição, sua dimensão política e a história das ciências sociais.

Na primeira, destaca as alterações nos comportamentos e nos estados de consciência quando os indivíduos não estão sozinhos. Comenta que as pessoas, em uma massa, agem de acordo com seus afetos e emoções, sendo que seus pensamentos e movimentos adquirem um caráter extremo, podendo as massas se conduzirem de maneira irracional. As pessoas renunciam, assim, a mecanismos racionais, a critérios de julgamento habituais, ocorrendo o que pode ser chamado de “fenômenos inconscientes”. Nessa

direção, quando os indivíduos estão juntos, identificam-se entre si e investem de maneira quase amorosa em uma ideia ou no líder que representa essa ideia.

A segunda vertente, continua Moscovici, é política, no sentido em que a psicologia das massas indica a importância de se levar em conta uma psicologia dirigida às pessoas em grupo, para governar as coletividades. Quando a política se faz pela mobilização das massas, essa psicologia expõe ações políticas. O autor parte do modelo hipnotizador/hipnotizado: as massas hipnotizadas e as estratégias de comando da hipnose transmitem ideias, linguagens, penetram na prática por mecanismos que não são a argumentação racional. O autor lembra que a psicologia das massas penetrou na prática dos movimentos nazistas e fascistas, mas também na prática de outros movimentos sociais.

A terceira perspectiva é a da história das ciências sociais, e Moscovici faz referências às resistências e às críticas quando do surgimento da psicologia das massas. Para o autor, isso não impediu, pelo viés da anomia, que ela penetrasse no modelo sociológico. No entanto, continua ele, o problema da psicologia das massas na ciência social francesa é difícil, assim como o conjunto da psicologia no sistema de ideias e da universidade francesa, que mereceriam um capítulo à parte. Moscovici afirma que a psicologia das massas é uma ciência importante porque faz história.

Após a apresentação por Moscovici dessas três vertentes do livro, Bourdieu inicia seus comentários com uma provocação, questionando se a psicologia das massas é uma ciência ou uma mitologia de feição científica, acreditando na segunda proposição. Para o autor, uma mitologia de feição científica contribui para explicar sua eficácia social, e assim vai desenvolvendo sua crítica: a eficácia social atribuída a essa “teoria” não se sustenta no fato de que ela é uma mitologia elaborada espontaneamente por produtores de uma certa conjuntura histórica? Segundo Bourdieu, teorias aparecem associadas a certos momentos do tempo, a personagens socialmente situados, produzindo certo tipo de discursos sobre o mundo social. Mitologias, sem valor de prova, são indicações importantes para a compreensão da lógica do que o autor chama de “fantasma social”: cada um faz uma ideia do mundo social, e precisa representar o mundo social para viver, para defender sua posição, seus interesses, para justificar existir, o que é a grande função da ideologia.

De acordo com Bourdieu, a psicologia das massas é muito mais um objeto das ciências sociais do que uma ciência social, constituindo-se mesmo como um obstáculo para

a construção de uma ciência social. É uma primeira forma de sociologia. O autor afirma que, se a sociologia francesa resistiu recuperando certos temas, caso da anomia, foi porque ela precisou existir como ciência racional contra a tentação de integrar visões mitológicas ao discurso científico. No contexto dessas discussões, o autor faz questionamentos sobre a psicologia das massas: a) ela é um instrumento de conhecimento do mundo social ou uma mitologia social?; b) é possível decidir cientificamente o que é verdadeiro e o que é falso? As mitologias não são falsificáveis, são irrefutáveis, o que explica renascerem eternamente; c) esse fantasma coletivo que sempre renasce e se apresenta como ciência chega a convencer? Segundo o autor, se a ideologia é um erro bem fundado, nesse discurso fantasmático, pode haver perda de verdadeiro.

Moscovici, ao responder, afirma que, quando esses problemas são abordados, há não somente dificuldades epistemológicas, mas dificuldades de crenças, tocando-se no que pode ser chamado de política, ou de natureza humana. Desse modo, o autor não se sente necessariamente obrigado a defender a cientificidade da psicologia das multidões. Durante o debate, afirma não ficar incomodado pelo fato de a ciência incluir a mitologia. Ele expõe que toda ciência social pode ser objeto de ciência e comenta aspectos levantados por Bourdieu, tais como: a) a psicologia das massas nasceu na França, depois da Comuna de Paris, mas não pode ser esquecido que todo o século XIX francês se ocupou de dois problemas: revolução e ordem. A psicologia das massas nasceu dentro de uma inspiração de ordem; b) o importante é o paradigma e os materiais a partir dos quais ela se originou. A descrição da “massa” é o que aconteceu durante a Revolução Francesa.

Bourdieu responde que, ainda hoje, não há mais essas massas manipuladas. Ao contrário, há massas bem mais organizadas, enquadradas, com mais conteúdos em seus objetivos, muito mais racionalizadas. Os autores entram, assim, em um debate sobre a questão da racionalidade/irracionalidade das massas. Moscovici afirma que a primeira disciplina a se ocupar do problema da organização das massas, tomando a Igreja e as Forças Armadas, foi a psicologia das massas, antes mesmo da sociologia. Para o autor, a questão central não é uma organização irracional, mas o modo como essa organização racional faz para mobilizar as massas, integrá-las e impulsioná-las. De acordo com o autor, trata-se de uma teoria muito híbrida. Por um lado, referimo-nos a essa racionalidade muito organizada; e, por outro, à ideia da espontaneidade da revolta como reação a dados econômicos. O fenômeno ideológico, afirma o autor, tem um papel importante na mobilização.

Nesse ponto, Bourdieu reconhece que Moscovici propõe um problema real: o da eficácia própria dos líderes. Mas pensa que a psicologia das multidões se desloca e a eficácia simbólica está em pessoas agindo a distância, sem violência. Para o autor, invocar mecanismos psicológicos consiste em liquidar um problema bastante fundamental, que é o papel da crença na política. Ou seja, reintroduzir o problema da crença é uma ruptura com essa tradição.

O debate entre os autores, nesse momento, tem como foco a crença. Moscovici afirma que, se há uma disciplina que tem como objeto de estudo a crença, é exatamente a psicologia de massas, porque o que define uma massa não são números, mas a unidade de suas crenças. Bourdieu responde que uma crença comum se constrói, e isso supõe uma educação, por anos. Para ele, não é por uma flutuação instantânea nas multidões que se cria uma crença comum. De acordo com o autor, o principal obstáculo para a construção científica são mitologias que contêm um pouco de verdade. Em relação à crença na política, há um problema difícil: há um conhecimento racional dessa forma de irracionalidade? Há um conhecimento racional da crença? Há uma lógica da química política? Para fundamentar a crença em seu próprio prestígio, em seu próprio valor simbólico, de acordo com o autor, é preciso compreender essas questões.

Moscovici defende que há pessoas que agiram politicamente, e para quem o objeto é o problema da massa. Para Bourdieu, trata-se de uma falsa representação da política, pois a história social de eventos importantes em política, desde o século XIX, a história social dos movimentos operários, dos regimes comunistas, mostra que o problema histórico é saber como pessoas, com certo tipo de disposição particular, chamados líderes, sabem manipular organizações e não as massas. Ou seja, como essas pessoas sabem manipular pequenos grupos, dizer os pontos de ordem em assembleias, redigir moções, fazer golpes. Além disso, saber como essas pessoas, com capacidade de manipular pequenos grupos, manipuladores de aparelhos, são selecionadas, formadas e obtêm sucesso. Para o autor, uma vez que ascenderam em seu mundo de movimentos de massas, não há necessidade de hipnotismo.

Moscovici responde com a seguinte questão: como se chega à elite? Uma vez no alto, manipula-se. Segundo o autor, há justamente algo que a análise psicossocial mostra, no que diz respeito a certo número de personagens, de movimentos sociais, e anuncia que o que se joga não é a manipulação. Ao contrário, é a capacidade de estar imerso em uma crença, em uma ideia de fazer compartilhar e suscitar nos outros o que se

deseja. O agente burocrático não é capaz de lidar com a burocracia. Em vários casos, a burocracia só segue líderes. Moscovici afirma que, nesse aspecto, a sociologia encolheu o problema e separou a política da cultura. Quando se fala de crença, fala-se da articulação do político e da cultura. E, para Moscovici, disso não se ocupam nem a sociologia, nem os historiadores.

Bourdieu menciona que, em um aspecto, está de acordo com Moscovici: será que é preciso crer para fazer crer? De acordo com Bourdieu, em certos casos, não universalmente, há uma divisão do trabalho político em que há pessoas que creem e fazem crer, e outras que não creem e se servem dos que fazem crer para fazer crer que creem, quando não creem. Uma das funções da sociologia e da psicologia social é parecida para o autor: fazer a ciência da tecnologia social espontânea que os agentes sociais utilizam frequentemente entre eles, sem saber que o fazem. Uma ciência social da tecnologia social espontânea que as pessoas usam nas empresas, por exemplo, para manipular ou desarmar uma greve. Uma ciência social dessa tecnologia descobriria pessoas que creem e cuja eficácia simbólica reside no fato de que creem, de que fazem crer. Ela também descobriria que há manipuladores. São pessoas que introduzem, em sua prática política cotidiana, um conhecimento vivo, uma psicologia social e uma tecnologia social, metade espontânea, ou seja, à base de crenças.

Moscovici reforça que só pode haver golpes, aparelhos e manipulação sob certo fundo, criado por alguém ou um grupo, que constituiu um conjunto com uma crença relativamente bem definida, que se fixa em certos valores, em certos ideais, em personagens vivos ou mortos.

Embora o debate entre os autores aborde outras temáticas, com várias controvérsias, podemos finalizar esse item com tema que eles parecem concordar: a relevância das crenças no mundo social. Bourdieu chama a atenção para pressupostos da sociologia, que se referem a sociedades divididas, diferenciadas em sexo, idade, classe social, que são princípios geradores constitutivos de pulsões. Para o autor, não é por acaso que uns fazem algumas coisas, e outros fazem outras. Bourdieu afirma que é preciso ainda fazer uma ciência social das condições dentro das quais são fabricadas as pessoas e em função das quais elas agem. Moscovici insiste que, em uma situação grave, em um problema profundo, há um trabalho de reflexão e de análise que sempre pode se dizer que está incompleto. Reforça que jamais negou que as condições sociais e econômicas intervêm. No entanto, não se pode dizer que há uma explicação geral. Para o autor, há

todo um trabalho a ser feito, e afirma que há pessoas que são hipnotizáveis e outras não são, e que a teoria não aborda o tema.

A partir desse debate que incita muitas reflexões na sociologia e na psicologia social, assim como sobre suas aproximações e divergências, retomamos o que nos parece central para a proposta do presente artigo: recuperar a noção de massas e o lugar das crenças nesse contexto para se pensar o cenário brasileiro da educação na atualidade.

A atualidade do debate entre Moscovici e Bourdieu e suas possibilidades para o contexto educacional

Começamos pelo primeiro eixo de discussão: a problemática das massas. Em um artigo intitulado “*L’eclipse de la psychologie des foules*”, Rouquette (2006) aponta três aspectos principais que, segundo ele, teriam sido decisivos para que a psicologia social, de modo geral, tivesse deixado de lado o tema das massas e das multidões como objeto de estudo.

O primeiro deles estaria ligado a uma própria mudança na concepção do processo histórico. Se a história acabou, como defendeu Fukuyama (1992), e se as economias se voltam ao liberalismo e os sistemas políticos evoluem para a democracia, não se trata mais de um projeto, mas quase de um “destino”, e, nesse cenário, a psicologia das massas seria obsoleta. O segundo aspecto decorre, em certa medida, do primeiro, uma vez que, segundo Rouquette (2006), é possível que a psicologia social das massas tenha sido incorporada ao saber comum de acordo com as características de nossa época: comunicação de massas, rede social, educação de massa. E, por fim, o terceiro aspecto, ela mesma, ou seu objeto de estudo, continuaria em outros campos de ação, tais como: a ciência política ou a história.

Também, no contexto brasileiro, a problemática das massas tem sido pouco abordada no âmbito da psicologia social, mais preocupada com o estudo de pequenos grupos e/ou organizações. As ações de movimentos sociais, principalmente as de multidões sem uma liderança determinada, continuam chamando a atenção, o que coloca o fenômeno das massas em foco. Muito embora, como aponta Jesus (2013, p. 494):

No campo das massas, o nível de análise precisa ser outro. Multidões não podem ser compreendidas pelo mesmo espectro de movimentos sociais, dada sua amplitude e desvinculação de princípios de afiliação próprios dos movimentos sociais. Utilizar os mesmos parâmetros

para entender um e o outro fenômeno leva a entendimentos falaciosos acerca do funcionamento das massas humanas.

Nessa direção, alguns estudos, baseados sobretudo nas ideias de Allport desenvolvidas no início do século XX, têm apontado para o comportamento das massas como produto dos propósitos dos indivíduos e não como produto da massa (JESUS, 2013).

Essas novas interpretações da psicologia das massas geraram outras formas de compreender o fenômeno. Assim, a noção de multidão, entendida por Le Bon como uma “‘unidade em agrupamento’ (multidão-massa), passa a ser compreendida de uma forma diferente, como uma ‘multiplicidade em dispersão’ (multidão-potência), que seria capaz de produzir alternativas singulares à lógica capitalista atual” (CAIAFFO *et al.*, 2007, p. 28, grifos dos autores).

As problematizações de Hardt e Negri (2004) caminham nesse sentido, uma vez que, para eles, a noção de multidão é compreendida como uma potência constituinte, que produz uma tensão que pode levar à transformação do *status quo*:

Para que se possam desenvolver massas ‘sábias’, isto é, que apresentam bom desempenho na tomada de decisões, são necessárias descentralização no uso das informações, liberdade no acesso individual às informações, independência para formação de opiniões individuais e habilidade em traduzir os juízos individuais em decisões coletivas (JESUS, 2013, p. 498).

Jesus (2013, p. 501) indica ainda que “[...] um dos maiores desafios é o de entender se a massa influencia os indivíduos ou se a ação coletiva é o resultado de decisões individuais, ou se tais influências ocorrem concomitantemente”. Na esteira desse pensamento, e tomando os principais aspectos desenvolvidos até o momento a partir do debate entre Moscovici e Bourdieu sobre *L’âge des foules: un traité historique de psychologie des masses* (MOSCOVICI, 1981), colocamos as seguintes questões: quais poderiam ser os impactos da problemática das massas no campo da educação brasileira, afetada, nos últimos tempos, por um contexto pandêmico, social e político de deslocamentos, retrocessos e rupturas? E em que medida a educação poderia estar contribuindo para e/ou influenciando uma ação coletiva no sentido de promover “crenças” e/ou uma “eficácia simbólica” que fomentassem “massas sábias” na direção de “alternativas singulares” a essa lógica neoliberal impregnada em nossa sociedade atual?

Passamos, assim, para o segundo eixo de discussão: a questão das crenças. Uma das problemáticas que nos parece central no debate entre Moscovici e Bourdieu é a

reintrodução do problema da crença. Não nos esquecendo de que Moscovici considera a crença como objeto de estudo da psicologia de massas, e que Bourdieu enfatiza que a crença se constrói, o que implica, para esse autor, uma educação.

Para nós, o problema da crença torna-se, então, fundamental. Nessa direção, abarcamos alguns aspectos centrais que têm a ver com os deslocamentos, retrocessos e rupturas que redirecionaram novas formas de se pensar e agir no campo educacional diante das condições que nos são impostas cotidianamente. Dentre esses aspectos, mencionamos, pelo menos, três, que estão presentes na história do campo educacional e que se tornam crenças para os atores/agentes educacionais. São eles: a) as políticas educativas e suas normas de regulação e controle; b) as possibilidades de estratégias de ação e superação no enfrentamento dos obstáculos; e c) os efeitos de influência da educação para fomentar crenças nos sujeitos a fim de que compreendam a lógica do mundo social e suas possibilidades de exercer uma liderança nesse sentido.

Quanto ao primeiro aspecto, consideramos que as políticas educativas exercem um papel significativo na produção de crenças, especialmente no que diz respeito ao caráter não democrático que imprimem nas instituições educacionais, em seus currículos e, sobretudo, nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, essas políticas, ao se traduzirem em normas e regras de funcionamento das escolas e universidades, acabam por estruturar, regular e/ou controlar esses espaços sociais, os movimentos e/ou grupos dos sujeitos envolvidos ao mesmo tempo que provocam uma onda de desencantos, inseguranças e contradições que afetam suas práticas, potencializando, assim, formas de conformismo, de um lado, e de resistência, de outro.

Podemos afirmar que as políticas educativas atuais também são decorrentes do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em agosto de 2016, que trouxe impactos para todos os setores da sociedade civil. Dali para cá, de acordo com valores e crenças do novo gerencialismo, da meritocracia e do espírito empreendedor, em sintonia com a competitividade econômica, vai se evidenciando uma forte crise na educação e em seus ideais de democracia, justiça, liberdade, emancipação, cooperação e solidariedade. São reforçadas, também, as crenças da eficácia e da eficiência, geradas, por exemplo, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), entre outras políticas daí decorrentes. São políticas de caráter tecnocrático, alinhadas exclusivamente às habilidades e competências, portanto à lógica privatista, colocando em oposição público e privado, que se desenvolvem sob as premissas neoliberais, cujos efeitos comprometem a

luta contra a desigualdade e a injustiça, reforçando relações de incerteza e de exclusão social (ABDALLA, 2021).

Trata-se, assim, como diria Moscovici (2011b, p. 246), de um “[...] modelo de influência social”, que tem como “condição necessária” a “criação de conflitos”. E o campo da educação pode (e deve), nesse sentido, desvelar esses conflitos, pôr em questão as regras desse jogo e, mais ainda, instaurar a vontade de mudá-las. E, nessa perspectiva, será necessário desvendar que essa lógica, como diria Bourdieu (1998, p. 141), “[...] parece fundada numa ordem de ‘competências’, ou, pior, das ‘inteligências’” (grifos do autor), e que nos dá uma “[...] profunda sensação de insegurança e de incerteza” (p. 141) a respeito de nós mesmos e do futuro a ser enfrentado.

Diante disso, talvez, um dos papéis da educação, caso queira sustentar “massas” mais “sábias”, conforme Jesus (2013), seria buscar a direção da defesa de uma “[...] solidariedade real para com os que hoje lutam para mudar a sociedade” (BOURDIEU, 1998, p. 41). E que essa luta possa, como anuncia Bourdieu (1998, p. 41), “[...] combater eficazmente a tecnocracia, nacional e internacional, enfrentando-a em seu terreno privilegiado, o da ciência [...]”. Para além disso, será também necessário respeitar “[...] mais os homens e as realidades com as quais eles se veem confrontados” (BOURDIEU, 1998, p. 41). Sendo assim, é preciso, parafraseando Bourdieu (1998, p. 141), estar sempre em uma “atenção incessante” e uma “reinvenção permanente”.

Considerando essas reflexões, o segundo aspecto, certamente, poderia estar relacionado às formas e/ou estratégias para enfrentar essas políticas atuais. Estratégias de ação e de superação, que também podem ser traduzidas em crenças, porque criam, de certa forma, uma alquimia social (BOURDIEU, 2002) e orientam espaços dos possíveis (BOURDIEU, 1997a). Esses espaços poderiam envolver novas crenças, que se tornariam, conforme Moscovici (2012, p. 426), “[...] um ideal de verdade do qual podemos algumas vezes nos afastar, mas nunca nos separar”.

Com efeito, para seguir em frente, apesar dos inúmeros obstáculos, será necessário, como destacam Abdalla e Villas Bôas (2018, p. 17), assumir uma “postura epistemológica”, que possa discutir uma “[...] dimensão simbólica dos fenômenos sociais a partir de uma perspectiva crítica e desestabilizadora”. O que implica, de um lado, analisar os processos de poder que reforçam as crenças, que veiculam uma espécie de violência simbólica, posta nos programas curriculares, nas propostas formativas e de aprendizagem. E, de outro, a partir da apreensão dessas lógicas impostas pelas normas, desenvolver

estratégias de ação e superação aos obstáculos e desafios, a fim de que se abram alternativas para se refletir, também, sobre as lógicas da prática. Lógicas essas que precisam ser reforçadas por abordagens teórico-metodológicas, que deem sustentação para o entendimento sobre a própria realidade do mundo social, contribuindo, sobretudo, “[...] para explicar grande parte do que acontece neste mundo, e, em particular, inumeráveis sofrimentos oriundos do choque de interesses, de disposições e de estilos de vida diferentes [...]”, como nos ensina Bourdieu (1997b, p. 12).

Nessa direção, será preciso compreender “[...] a necessidade de políticas de afirmação e de inclusão social, assim como investimentos públicos, que ofereçam condições de possibilidade para que se construa uma sociedade mais plural, mais democrática e, sobretudo, mais justa” (ABDALLA, 2021, p. 6). E dispor de estratégias de ação e superação que permitam ressignificar e contextualizar a realidade dos alunos em formação, possibilitando que eles façam escolhas e tomem decisões éticas na luta por atos de resistência contra a desigualdade e a exclusão social e na defesa de uma educação mais democrática e de qualidade referenciada socialmente.

Por fim, um terceiro aspecto, na linha do debate de Moscovici e Bourdieu, poderia tratar dos “efeitos de influência” da educação nos sujeitos envolvidos, para que possam compreender a lógica do mundo social. Além disso, assim como os autores anunciam, é preciso pensar também naqueles que poderão (ou não) exercer uma liderança e criar “[...] as condições de possibilidade da *alquimia social* e da transubstanciação que ela realiza” (BOURDIEU, 2002, p. 162, grifos nossos). Ou melhor, refletir sobre a tal “magia dos pequenos grupos”, a que se referia Bourdieu em seu embate com Moscovici.

No caso da educação, essa “alquimia social” está na mão daqueles que gestam os espaços sociais das instituições educacionais, sejam escolas e/ou universidades. Ou seja, na mão de um conjunto de agentes comprometidos com o funcionamento do campo educacional, em especial gestores e professores, pois, nas palavras de Bourdieu (2002, p. 162), são eles que mobilizariam “a energia simbólica” e as operações daí decorrentes.

Entretanto, como bem indica Moscovici (2011a, p. 556), há que se observar: “[...] quando as circunstâncias materiais exercem uma pressão sobre nós, o sentido dessa pressão e os seus resultados dependem das operações psíquicas pelas quais somos capazes de selecioná-las e interiorizá-las”. O que o autor (2011a, p. 556) quer dizer é que: “Essas operações têm uma lógica e exercem uma coerção sobre os símbolos nos quais se expressam nossos interesses e forças”. E, como ele já havia afirmado, em seu debate com

Bourdieu, as condições sociais e econômicas intervêm nos papéis das lideranças. Tudo isso faz parte do processo de influência social, que, para Moscovici (2011b, p. 116), “[...] implica negociações tácitas, a confrontação dos pontos de vista e a eventual busca de uma solução aceitável para todos”.

Se tomarmos essas questões postas por Bourdieu (2002) e Moscovici (2011a), observamos, mais uma vez, a influência e/ou as implicações das políticas educativas no que podemos considerar como *gestão democrática* (ou a crença que nela temos). E, nesse sentido, podemos destacar alguns elementos de análise. O primeiro deles tem a ver com os impactos das políticas de responsabilização ou *accountability*, em especial em nossas escolas públicas, com a intenção de que haja “melhorias”. Isso leva a mudanças nas práticas de liderança, levando em conta as condições de vulnerabilidade dessas escolas e o próprio desempenho daqueles que assumam a sua “liderança”, ou melhor, a “gestão escolar”.

Percebemos, assim, que, ao contrário da crença de uma “gestão democrática”, tão propalada nas letras das leis e/ou nos movimentos sociais, o que se tem é a expansão de práticas reguladoras e controladoras que gestam comportamentos táticos dos profissionais da educação no sentido de ensinar para os testes de avaliação, colocar o foco em determinadas matérias do currículo, controlar as competências e habilidades regulamentadas nas políticas educacionais e introduzir a lógica do mercado, cuja preocupação está centrada nos resultados avaliativos, divulgados em *rankings*, que ganham cada vez mais força e valorização externa (BALL, 2003; DE LA VEGA RODRÍGUEZ, 2015; CANCINO; MONRROY, 2017; SOUZA, 2017).

Por outro lado, como alerta Moscovici (2005, p. 354), nesse modelo comunicativo ou nesse processo de criação de crenças, há “[...] duas direções, por onde circula e é transformado o conhecimento: a primeira vai da ciência, filosofia etc. em direção ao senso comum e a segunda, do senso comum em direção à ciência e a outras formas de conhecimento”. O autor assinala que, no primeiro caso, estamos falando de “inovação” e, no segundo, tratamos de “conservação” e/ou de “conformidade”. São questões que, certamente, passam pela condução de quem está exercendo a gestão nas escolas e de como vê, junto com os outros sujeitos/agentes, formas de provocar “espaços dos possíveis” (BOURDIEU, 1997a).

Assim, aponta Bourdieu (1997a, p. 65): “[...] as relações de força entre os ‘conservadores’ e os ‘inovadores’, os ortodoxos e os heréticos, os velhos e os ‘novos’ (ou os

‘modernos’) dependem fortemente do estado das lutas externas e do reforço que uns e outros possam encontrar fora...” (grifos do autor). E, nesse sentido, consideramos que a educação pode fomentar crenças na direção de novas “formas a criar, maneiras a inventar” (BOURDIEU, 1997a, p. 65), a fim de se desenvolverem massas sábias (JESUS, 2013). Ou seja, massas que possam escolher e tomar decisões no coletivo “[...] em direção a possibilidades mais seguras, mais estabelecidas, ou em direção aos possíveis mais originais entre aqueles que já estão socialmente constituídos, ou até em direção à possibilidade que seja preciso criar do nada” (BOURDIEU, 1997a, p. 63).

Todavia sabemos que essas apostas não são tão simples assim. E, mais uma vez, Moscovici (2011a, p. 93) nos ajuda a refletir, quando afirma que: “É difícil expressar mais enfaticamente a ideia de que se os indivíduos separados se enfraquecem, perdem confiança em suas crenças e nos signos que as representam, uma vez reunidos eles reencontram o seu vigor original”. Há muitos embates a fazer nos tempos de hoje, para que tornemos a nossa “existência suportável” e suscitar “criações de alquimia social” possíveis...

Com efeito, será preciso que a educação contribua, mais do que nunca, para um espaço permanente de resistência na luta por uma sociedade mais democrática e justa. O que significa investir, coletivamente, em formas de denúncia da dominação que se dá pelas relações de força. Mediante essas reflexões, restam-nos, ainda, mais algumas questões: como assumirmos, então, uma resistência propositiva, ainda mais quando se pensa em termos de “massa”? Quais seriam as formas de superação a essa lógica neoliberal na representação do mundo social vivenciado pelos agentes/atores educacionais? Como delinear novas crenças e/ou uma eficácia simbólica para que as massas pudessem ser “sábias” e pudessem transformar as “relações de força e de sentido”, na perspectiva de serem, como menciona Bourdieu (1998, p. 19), “[...] capazes de mobilizar as vontades, sem mistificar as consciências”?

Essas inquietações nos fazem lembrar do pensamento de Moscovici (2011a, p. 516): “Compreendemos então que uma dominação que parece brutal e repressiva para quem se coloca de um ponto de vista legal pareça legítima se a considerarmos do ponto de vista da crença que ela inspira às massas”. Entretanto, como ele próprio nos ensina: “O que quer que aconteça, é sempre bom observar a situação de frente” (MOSCOVICI, 2011a, p. 523).

Retomando, assim, o diálogo, ou melhor, o embate, entre Moscovici e Bourdieu, buscamos destacar a *crença*, discutida por esses autores e, aqui, considerada como elemento fundamental para traduzir os interesses que estão em jogo, quando se pensa em uma abordagem psicossocial das massas na atualidade e seus impactos na educação. De um lado, estaria Bourdieu (2002, p. 25) defendendo que esses interesses produzem crenças no “[...] espaço de luta pelo monopólio de poder de consagração [...]”, e, até mesmo, determinariam “[...] o que é possível e impossível de fazer ou de pensar em um dado momento do tempo, em um campo determinado” (BOURDIEU, 1997a, p. 63). E, de outro, Moscovici (2011a, p. 176) iria nos instigar com mais questões sobre este seu tema: “de onde vem então a nossa força para acreditar e agir em comum? Por que existe uma conformidade às normas e um desvio que as coloca em xeque?”

Parece-nos que essas são inquietações que nos perseguem nessa abordagem psicossocial das massas. Apostamos, assim, que a educação possa contribuir para elucidá-las, caso ela possa ser priorizada como um direito de todos e para todos.

Considerações Finais

Este texto teve a intenção de trazer à tona alguns elementos do debate sobre o fenômeno das massas ocorrido entre Moscovici e Bourdieu, em 1982, para pensar suas interfaces com a educação em tempos de incertezas e de grandes desafios. Tempos que demandam uma construção social de crenças, que parece ser um tema capital e estruturante das discussões entre esses autores, e que também está presente nos estudos da psicologia social e da sociologia.

Diante dos elementos do embate teórico aqui mencionados, buscamos refletir sobre aspectos que possam contribuir para avançarmos na direção de uma abordagem psicossocial das massas com impactos no contexto educacional da atualidade. Se tomarmos o contexto brasileiro desde a ascensão de Jair Bolsonaro, que culminou em sua eleição como Presidente da República em 2018, um ponto que nos chama a atenção na discussão de 1982, entre Moscovici e Bourdieu, é o problema da crença.

Moscovici enfatiza a crença na política no âmbito de uma psicologia dirigida a pessoas e grupos para governar coletividades, destacando a relevância da relação entre política e cultura. Bourdieu, embora critique sua cientificidade, destaca a eficácia da psicologia de massas, principalmente simbólica, desde que sejam encontradas crenças

comuns, cujo valor simbólico está relacionado a disposições particulares, associadas a condições sociais e econômicas. Embora genericamente, o autor traz a educação para o centro da discussão ao afirmar que a construção de crenças comuns supõe uma educação por vários anos.

Não nos interessa entrar no debate da cientificidade da psicologia das massas, tema que pareceu central na discussão entre Bourdieu e Moscovici na *Maison de la Radio France*, muito embora fique claro que Moscovici defende uma psicologia das massas no âmbito da psicologia social, enquanto Bourdieu assume uma posição crítica com fundamentos na sociologia. Retomar essa discussão, após 40 anos, pareceu-nos relevante no sentido de abordar crenças que estão na base de uma psicologia social das massas, temática problematizada pelos dois autores. Lançamos aqui algumas pistas para reflexões que, certamente, poderão incitar novos estudos e relações teóricas entre crenças e massas, potencializando a compreensão de questões educacionais na atualidade.

Referências

ABDALLA, Maria de Fátima B. Representações Sociais: aproximações/fronteiras entre Bourdieu e Moscovici. In: ENS, Romilda T.; VILLAS BÔAS, Lúcia; BEHRENS, Marilda (Org.). **Representações Sociais: fronteiras, interfaces e conceitos**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p. 109-136.

ABDALLA, Maria de Fátima B. (Org.). **Bourdieu e Moscovici: fronteiras, interfaces e aproximações**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2019. [e-book]

ABDALLA, Maria de Fátima B. Relações de incerteza e exclusão: é possível pensar em estratégias para a educação em tempos de pandemia? **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br//index.php/olhadeprofessor>. Acesso em: 5 jun. 2021.

ABDALLA, Maria de Fátima B.; VILLAS BÔAS, Lúcia. Um olhar psicossocial para a educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 14-41, mar. 2018. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/4277/pdf_1. Acesso em: 23 jun. 2021.

BALL, Stephen John. The teacher's soul and the terrors of performativity. **Journal of Education Policy**, v. 18, n. 2, p. 215-228, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0268093022000043065>. Acesso em: 2 maio 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1997a.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997b.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de dezembro de 2017, Seção 1, p. 41-44.

CAIAFFO, Stéfani; SILVA, Rosane Neves; MACERATA, Iacã; PILZ, Christian. Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 27-37, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000100004&lng=pt&nrm=iso.. Acesso em: 7 set. 2021.

CAMPOS, Pedro Humberto F.; LIMA, Rita de C. P. Capital simbólico y representaciones sociales: una aproximación para investigar el espacio escolar. **Investigaciones en Psicología**, Buenos Aires, v. 20, n. 1, p. 31-44, 2015.

CAMPOS, Pedro Humberto F.; LIMA, Rita de C. P. Social positions and groups: new approximations between Pierre Bourdieu's sociology and social representation theory. **Culture & Psychology**, v. 23, n. 1, p. 38-51, 2017.

CAMPOS, Pedro Humberto F.; LIMA, Rita de C. P. Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 100-127, mar. 2018.

CANCINO, Víctor Cancino; MONRROY, Leonardo Vera. Políticas educativas de fortalecimiento del liderazgo directivo: desafíos para Chile en un análisis comparado con países OCDE. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 94, p. 26-58, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/dBNywkDN8XYbcPJKPDYXfwd/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 2 jun. 2021.

COBLENCE, Françoise. Foules, masses, processus de civilization. **Libres Cahiers pour la Psychanalyse**, n. 24, p. 23-41, 2011/2. DOI: 10.3917/lcpp.024.0023. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-libres-cahiers-pour-la-psychanalyse-2011-2-page-23.htm>. Acesso em: 2 de jun. 2021.

DE LA VEGA RODRÍGUEZ, Luis Felipe. Educational accountability: high and low points of its implementations and challenges for Latin America. **Estudios sobre Educación**, n. 29, p. 191-213, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15581/004.29.191-213>. Acesso em: 4 abr. 2021.

DOMINGOS-SOBRINHO, Moisés. Representações sociais e praxiologia bourdieusiana: notas sobre a aplicação de um modelo a fenômenos do campo educacional. In: LIRA, André, A. D.;

MIRANDA, M. M.; BRITO, S. M. O. (Org.). **Revisitando o diálogo em representações sociais e educação**. Campina Grande: UFCG, 2016. p. 23-55.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. *Habitus docente, sens pratique e representações sociais*. In: ABDALLA, M. F. B. (Org.). **Bourdieu e Moscovici: fronteiras, interfaces e aproximações**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2019. p. 19-46. [e-book]

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; LIRA, André A. D. Representações sociais, *sens pratique*, poder simbólico e o processo de construção do ser docente. **Arxius de Ciències Socials**, v. 41, p. 43-64, 2019.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GRAUMANN, Carl; KRUSE, Lenelis. Masas, muchedumbres y densidad. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). **Psicología Social II, Psicología social y problemas sociales**. Paidós, 1986. p. 649-678.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multitude: war and democracy in the age of empire**. New York: Penguin Press, 2004.

JESUÍNO, Jorge C. Paralelos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 42-68, mar. 2018.

JESUS, J. G. Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 493-503, 2013.

LE BON, Gustave. **Psychologie des foules**. Paris: Les Presses Universitaires de France (PUF), 1981. [1895].

LIMA, Rita de C. P.; CAMPOS, Pedro Humberto F. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-77, mar. 2015a.

LIMA, Rita de C. P.; CAMPOS, Pedro Humberto F. Classes sociais, campo, grupos: contribuições para pensar a função social da escola. **Educação Temática Digital (ETD)**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 633-652, set./dez. 2015b.

MOSCOVICI, Serge. **L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses**. Paris: Fayard, 1981.

MOSCOVICI, Serge. **La era de las multitudes: un tratado histórico de psicología de las masas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade: sociologia e psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2011a.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROUQUETTE, Michel-Louis. L'éclipse de la psychologie des foules. **Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, v. 70, n. 2, p. 79-84, 2006.

SILVA, Rosane Neves da. Notas para uma genealogia da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 12-19, 2004.

SOUZA, Antônio Lisboa Leitão de. A conjuntura político-econômica e os desafios da educação no Brasil. In: FRANÇA, Magna; BARBOSA JÚNIOR, Walter Pinheiro. (Org.). **Políticas e práxis educativas**. Natal: Caule de Papiro/Anpae, 2017. p. 16-48.

THIEC, Yvon J. L'âge des foules. **Revue Française de Sociologie**, v. 24, n. 1, p. 119-125, 1983.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Adélia Maria Mariano da Silva Ferreira, Camila Maria Camargo de Oliveira*

Submetido em 21/03/2022

Aprovado em 03/05/2022

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)